

22 FEVEREIRO

Foi dada a partida. Numa competição acesa, que talvez não encontre precedentes neste panorama sombrio da ação política, PFL e PSDB lançam-se à disputa de parlamentares que engrossem suas bancadas nas duas Casas do Congresso, conquistando adesões graças às facilidades concedidas pela legislação que regula a atividade das diversas legendas partidárias. Os tucanos elegeram 62 deputados, já têm 64 e, segundo se anuncia, contarão 65 nos próximos dias. Dispõem de 10 senadores. Os pefelistas passaram de 89 a 90 deputados e estão sendo mais bem-sucedidos no Senado, onde seus filiados eram 19, passaram a ser 21 e devem somar 23, dentro de pouco tempo. Se isso ocorrer, terão o presidente da Câmara Alta, em 1997.

O líder Inocêncio Oliveira prevê

que terá 99 correligionários, brevemente, sob seu comando. Será uma dezena a mais sobre os números de hoje — e não é pouco. Que fazer? Alguém imaginou que muitos dos que foram escolhidos a 3 de outubro se incumbiriam de dar demonstração de fidelidade à agremiação que os tinha agasalhado e proporcionado a oportunidade de pleitear e obter o mandato popular? Só um ingênuo pensaria assim, pois os partidos têm sido, nesta etapa histórica, mero degrau para que seus adeptos ocasionais alcancem o poder, fascinados pelo que julgam ser a luz que dele emana — passageira, fugidia, enganosa.

As intenções do governo Fernando Henrique Cardoso são boas, reconhecidamente. Representam uma tomada de posição para a construção do Brasil novo.

No momento, porém, são pouco mais que intenções. Resta saber se o presidente encontrará o ponto de equilíbrio entre a autoridade e a habilidade para extrair desse equilíbrio a aprovação dos projetos de emenda constitucional que começou a propor ao Congresso Nacional a fim de sepultar o Brasil velho. Assim, se o esforço empreendido pelos dois partidos resultasse em apoio efetivo ao Executivo, talvez fosse possível, de uma situação negativa, tirar resultados positivos. Mas o problema é que esse esforço, sobretudo no caso do Partido da Frente Liberal, parece mais destinado a promover o crescimento da legenda até o

ponto de mostrar ao presidente da República que não é possível prescindir dela — com o que terá tudo para ser atendida em reivindicações diversas. Foi dito sobretudo no caso do PFL porque, afinal, o PSDB é o partido do sr. Fernando

Henrique Cardoso; e a Frente Liberal, um aliado.

PFL e PSDB se dedicam a engrossar suas bancadas, em competição digna do Brasil Velho

O que há, no episódio, é menos espírito público e mais interesse material, cujos contornos a opinião pública estará vigiando. O espetáculo caracteriza o Brasil velho, que insiste em sobreviver. E, se a adesão tiver o propósito de permitir alguma aventura eleitoral em 1996, refletirá o mesmo espírito daninho de cupidez.